

28 de Janeiro de 2021

A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira

O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem

MINISTÉRIO DE
MINAS E ENERGIA



GOVERNO FEDERAL DESCOBRE NOVOS ALVOS PARA O SETOR MINERAL DE DEPÓSITOS DE POTÁSSIO PARA USO NA AGRICULTURA

MME, por meio do Serviço Geológico do Brasil, apresenta oportunidades para reduzir alta dependência externa de fertilizantes e atender a demanda crescente de produção de alimentos.

O Ministério de Minas e Energia (MME), por meio do Serviço Geológico do Brasil (SGB/CPRM), apresenta oportunidades para reduzir alta dependência externa de fertilizantes e atender a demanda crescente de produção de alimentos. Essencial para qualquer tipo de cultivo, o potássio é um dos minérios mais importantes para a indústria de fertilizantes.

O Brasil importa 96,5% do cloreto de potássio que utiliza para fertilização do solo. Também ostenta o título de maior importador mundial de potássio, com 10,45 milhões de toneladas adquiridas em 2019, de acordo com dados do Ministério da Economia.

Com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre o potencial no país de minerais usados na agricultura, o Serviço Geológico do Brasil, empresa pública ligada ao Ministério de Minas e Energia (MME), finalizou o Informe Avaliação do Potencial de Potássio no Brasil - Área Bacia do Amazonas, setor Centro Oeste, Estado do Amazonas e Pará.

O estudo identifica na Bacia do Amazonas novas ocorrências e amplia em 70% a potencialidade sobre depósitos de sais de potássio, ou silvinita, como é denominado o mineral cloreto de potássio, do qual se extrai o potássio (K). O mineral é largamente utilizado para aumentar a produtividade no campo e, juntamente com o nitrogênio e o fósforo, forma a tríade presente nas formulações NPK.

De acordo com o estudo, até o momento, pode-se afirmar a existência de depósitos em Nova Olinda do Norte, Autazes e Itacoatiara, com reservas em torno de 3,2 bilhões de toneladas de minério, além de ocorrências em Silves, São Sebastião do Uatumã, Itapiranga, Faro, Nhamundá e Juruti. Na região de Autazes, o minério pode ser encontrado a profundidades entre 650m a 850m, com teor de 30,7% KCl. Em Nova Olinda, a profundidade varia em torno de 980m e até 1200m, com teor médio de 32,59% KCl.

De acordo com o diretor de Geologia e Recursos Minerais do SGB/CPRM, Marcio Remédio, caso esses depósitos já identificados entrem em produção, o impacto para o setor agrícola e para produção de fertilizantes no Brasil pode ser imediato. “A expectativa é que ao reduzir a importação de fertilizantes, o insumo torne-se mais barato e acessível, eliminando custos de transporte e logística”, explicou.

O Ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, ressaltou a importância do trabalho que o Serviço Geológico do Brasil tem realizado para viabilizar insumos tão necessários para o desenvolvimento do país. “O Brasil é conhecido mundialmente por ser uma potência agroambiental, atendendo parte significativa da demanda mundial e crescente de alimentos. A pesquisa voltada a minimizar a dependência de agrominerais importados é uma ação estratégica e uma meta do Programa Mineração e Desenvolvimento recentemente lançado”, destacou.

Outro ponto importante é a questão da soberania nacional. Neste ano, o mercado do potássio entrou em alerta devido à crise política em Belarus, maior fornecedor mundial da commodity, levando à elevação de preços e preocupação com o fornecimento do insumo. “Uma das nossas linhas de atuação é fomentar o descobrimento de novas jazidas para commodities estratégicas como o fosfato e o potássio, por meio de diversos projetos de prospecção, principalmente diante da preocupação em atender a projeção do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

(MAPA) de aumento de cerca de 27% da nossa produção de grãos na próxima década”, ressaltou o diretor-presidente do SGB/CPRM, Esteves Pedro Colnago.

O uso de fertilizantes traz mais produtividade no campo, ainda mais no solo brasileiro, que necessita de bastante correção. Ou seja, permite atender a demanda crescente por alimentos, sem a necessidade de explorar novas áreas agricultáveis, contribuindo para evitar o desmatamento.

O secretário de Geologia e Transformação Mineral, Alexandre Vidigal, lembrou, além dos benefícios para o agronegócio e para a economia do país, o impacto que a atividade mineral pode gerar em âmbito regional, com a criação de novos empregos, melhoria na renda da comunidade local e mais arrecadação nos municípios produtores, que passam a receber a Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM). “Quando se tem a possibilidade desse desenvolvimento econômico-social ser para a população da região amazônica, muitas vezes tão necessitada, os avanços com o conhecimento geológico na região se tornam ainda mais relevantes”, ponderou.

[Acesse o estudo: Avaliação do potencial de potássio no Brasil: área Bacia do Amazonas, setor centro-oeste, estados do Amazonas e Pará.](#)

Fonte: MME

Data: 25/01/2021



GLENCORE PARECE SOLITÁRIA ENQUANTO RIVAIS PROCURAM ABANDONAR NEGÓCIO DE CARVÃO

A Glencore está se tornando cada vez mais isolada como uma importante mineradora de carvão, enquanto seus maiores rivais procuram abandonar o combustível mais poluente, um por um.

A siderúrgica russa Evraz disse na terça-feira (26) que estava considerando opções para cindir seu negócio do carvão metalúrgico, cinco dias depois que a Vale deu o primeiro passo para sair do combustível fóssil. Quase todos os outros grandes mineradores passam pelo processo de afastamento do carvão térmico, usado em usinas de energia.

As maiores mineradoras do mundo têm repensado seus negócios de carvão térmico à medida que mais investidores evitam a exposição em meio a preocupações crescentes sobre as emissões de carbono e o aquecimento global.

O Grupo Rio Tinto já se esgotou, enquanto o BHP Group e a Anglo American estão em processo de saída, embora ambos permaneçam comprometidos com o carvão metalúrgico, ingrediente para a produção de aço.

Ainda assim, enquanto outros saem do carvão, as oportunidades permanecem para redutos como a Glencore.

"O carvão está em declínio no longo prazo; há uma razão muito boa para as pessoas quererem sair", disse Ben Davis, analista da Liberum Capital. "Mas, enquanto isso, a Glencore está em uma excelente posição para administrar o fornecimento e obter lucros anormais com tão pouco investimento no mercado", afirmou.

O carvão é responsável por cerca de um terço dos ganhos da Glencore e compete com o cobre como a maior fonte de lucros da gigante das commodities.

Carbono

Em vez de abandonar o carvão, a Glencore se comprometeu a esgotar seus ativos até 2050 e, com isso, se tornar neutra em carbono. Essa promessa inclui as chamadas emissões de escopo 3, produzidas quando os clientes queimam ou processam os materiais que a empresa extrai.

A meta diferencia a Glencore da BHP, Rio Tinto, Vale e Anglo American, que terão dificuldade em reduzir as emissões de escopo 3 porque suas vastas operações de minério de ferro abastecem siderúrgicas, uma das indústrias mais poluentes.

Caso essa abordagem não consiga conquistar os investidores, o atual diretor-executivo da Glencore, Ivan Glasenberg, disse que apoiará seu sucessor consagrado, Gary Nagle, na divisão de seu negócio de carvão.

"Vou apoiá-lo em qualquer coisa que crie valor para os acionistas", disse Glasenberg em dezembro.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 28/01/2021



AMARILLO ASSINA ACORDO DE LINHA DE ENERGIA PARA PROJETO DE OURO MARA ROSA, EM GO

A Amarillo Gold Corporation assinou um acordo de compromisso com a Enel Brasil, concessionária de energia elétrica de Goiás, para a construção de uma linha de energia dedicada ao projeto Mara Rosa. O acordo, segundo a companhia, representa um “passo significativo” para a construção da mina de ouro de Posse no projeto.

A linha de força de 138 quilovolts (kV) e 67 quilômetros de extensão conectará a mina de Posse à subestação de Porangatu e, de acordo com a Amarillo, "fornecerá toda a eletricidade necessária para o projeto". A construção custará cerca de R\$ 36 milhões e deve levar aproximadamente 12 meses.

A mineradora está supervisionando o processo de engenharia e licenciamento, auxiliado pela Enel. A construção pode começar assim que a licença para a linha de energia for recebida.

"Alcançamos outro marco importante no desenvolvimento de Posse, mesmo enquanto esperamos pela Licença de Instalação (LI)", salientou o diretor-executivo da Amarillo, Mike Mutchler.

"Depois de concluída, esta linha de energia será um legado duradouro muito necessário, aprimorando a infraestrutura da rede elétrica das comunidades em e ao redor de Mara Rosa", acrescentou o diretor da companhia no Brasil, Arão Portugal.

Construção

Em nota, a Amarillo observou que o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (DEM), "sinalizou que os trabalhos de finalização de Lis para 14 projetos de mineração em Goiás estão em andamento". A declaração foi dada durante reunião que anunciou investimentos em mineração no estado na segunda-feira (25).

Enquanto aguarda a LI, a Amarillo afirmou que está "avaliando seu cronograma de construção" com antecipação do recebimento da licença. A mineradora contratou a canadense LQ Consulting and Management para gerenciar o projeto para Posse e começou a trabalhar em um plano que "ajudará a administração a reavaliar o cronograma de construção".

"A engenharia detalhada está progredindo e depósitos também foram feitos em certos itens de equipamentos de longo prazo para garantir desenhos para o avanço da engenharia. Além disso, os níveis de pessoal foram aumentados gradativamente no Brasil em antecipação ao início do trabalho", declarou a empresa.

A companhia disse que também continua a trabalhar para garantir o financiamento para a construção de Posse, incluindo o progresso em direção à conclusão de uma revisão de engenharia técnica independente.

Atualmente, a empresa tem em caixa o equivalente a R\$ 221 milhões que, de acordo com a mineradora, são suficientes para as obrigações de curto prazo, fazer pedidos de longo prazo e concluir um programa de exploração de R\$ 14 milhões em suas propriedades em 2021.

"Apesar da pandemia em andamento, fizemos um progresso significativo nos últimos meses para avançar o projeto de forma diligente. Esta é uma estratégia que irá maximizar o retorno para nossos acionistas à medida que desenvolvemos uma mina operacional da qual todos podemos nos orgulhar", concluiu Mutchler.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 28/01/2021



BRASIL FOI O NONO MAIOR PRODUTOR DE AÇO BRUTO EM 2020

A produção global de aço bruto atingiu 1,864 bilhão de toneladas em 2020. Dados divulgados na terça-feira pela Worldsteel Association mostram que o volume representa uma queda de 0,9% em relação a 2019. A produção foi afetada por redução na produção de seis dos dez maiores produtores, conforme rank abaixo, incluindo o Brasil, que ocupa a nona posição e teve queda de 4,9% na comparação com o ano anterior.

No ano, a Ásia foi responsável pela produção de 1,374 bilhão de toneladas de aço, um aumento de 1,5% em comparação com 2019. A produção asiática de aço bruto foi impulsionada pela China, que produziu em 2020 1,053 bilhão de toneladas, um aumento de 5,2% na comparação com o ano anterior.

De acordo com os dados da Worldsteel, a participação da China na produção global de aço bruto aumentou de 53,3% em 2019 para 56,5% em 2020.

Ainda na Ásia, a produção de aço bruto da Índia em 2020 foi de 99,6 milhões de toneladas (Mt), queda de 10,6% na comparação ano a ano. O Japão produziu 83,2 Mt em 2020, redução de 16,2% sobre 2019, enquanto a Coreia do Sul produziu 67,1 Mt, queda de 6% sobre o ano anterior.

A produção anual de aço bruto para a América do Sul foi de 38,2 Mt em 2020, uma queda de 8,4% em relação a 2019. O Brasil, maior produtor da região, foi responsável por 31 Mt no ano, volume 4,9% menor em relação à produção de 2019.

A União Europeia produziu 138,8 Mt de aço bruto em 2020, uma redução de 11,8% em relação a 2019. Principal produtor da região, a Alemanha registrou produção de 35,7 Mt no ano passado, uma queda de 10% na comparação anual.

Na Comunidade dos Estados Independentes (CEI), a produção em 2020 atingiu 102 Mt, o que representa aumento de 1,5% em 2019. A Rússia estima ter produzido 73,4 Mt em 2020, crescimento de 2,6% em 2019. A Ucrânia produziu 20,6 Mt, volume 1,1% menor sobre a produção de 2019.

A produção de aço bruto na América do Norte foi 101,1 Mt em 2020, queda de 15,5% sobre o ano anterior, puxada pelos Estados Unidos. O país produziu 72,7 Mt no ano, queda de 17,2% ano a ano.

O Oriente Médio produziu 45,4 Mt de aço bruto em 2020, um aumento de 2,5% em 2019. Estima-se que o Irã tenha produzido 29 Mt em 2020, 13,4% acima de 2019.

A produção de aço bruto da Turquia em 2020 foi de 35,8 Mt, um aumento de 6% em relação a 2019.

A África produziu 17,2 Mt de aço bruto em 2020, o mesmo volume produzido no ano anterior.

Por fim, a produção da Oceania no ano foi de 6,1 Mt de aço bruto, queda de 1,4% em relação a 2019.

Top 10 dos países com maior produção de aço bruto em 2020				
Rank	País	2020 (Mt)	2019 (Mt)	%2020/2019
1	China	1.053	1.001	5.2
2	Índia	99.6	111.4	-10.6
3	Japão	83.2	99.3	-16.2
4	Rússia (estimativa)	73.4	71.6	2.6
5	United States	72.7	87.8	-17.2
6	South Korea	67.1	71.4	-6
7	Turkey	35.8	33.7	6
8	Germany	35.7	39.6	-10
9	Brazil	31	32.6	-4.9
10	Iran (estimativa)	29	25.6	13.4

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 27/01/2021



SETOR DE ROCHAS SURPREENDE APEX-BRASIL COM PARTICIPAÇÃO RECORDE DE EMPRESÁRIOS EM RANQUEAMENTO SETORIAL

O engajamento dos empresários do setor de rochas na elaboração do novo Projeto Setorial chamou a atenção dos representantes da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) durante reunião na última terça-feira, 26 de janeiro, para definição do ranqueamento de países-alvo que fará parte do projeto a ser submetido à avaliação da agência para promoção do segmento no mercado internacional nos próximos dois anos. O encontro contou com participação ativa de mais de 50 exportadores brasileiros de rochas ornamentais que, liderados pelo Centro Brasileiro dos Exportadores de Rochas Ornamentais (Centrorochas), contribuíram de forma assertiva para definição dos países.

“Um ranqueamento de mercados com mais de 50 empresas participantes é algo inédito para nós. Apesar de já apoiarmos o setor há muito tempo, é como se estivéssemos começando agora, ouvindo as análises qualitativas dos empresários”, frisou o coordenador de projetos da Apex-Brasil, Paulo Roberto Silva.

A reunião marcou a última fase para conclusão, pelo Centrorochas, do projeto que será submetido à avaliação da Apex-Brasil. Além de membros das gerências comerciais e de inteligência de mercado, que integram a Diretoria de Negócios da agência, o encontro contou com a participação do presidente do Centrorochas, Frederico Robison, do vice-presidente, Fabio Cruz, dos presidentes Sindirochas, maior sindicato patronal do país (Tales Machado) e do Simagran-CE, Carlos Rubens.

Novo momento

Detentor do maior convênio com a agência nacional, o setor de rochas brasileiro iniciou no final de 2019 um trabalho para revisão do processo de apoio ao segmento e elegeu o Centrorochas como representante nacional. Desde o ano passado, a entidade fortaleceu o processo de mobilização empresarial para construção do projeto setorial com participação ativa dos empresários e aderente aos anseios do segmento.

Priorização de mercados

Os participantes da reunião acompanharam atentos à apresentação pelo analista de inteligência de mercado da Apex-Brasil, Rodrigo Octávio Curvello Wutke, do amplo estudo técnico realizado sobre os mercados prioritários do setor de rochas no mundo. A partir dos dados quantitativos em uma ampla análise em mais de 40 países, as empresas presentes tiveram oportunidade de expor suas percepções e vivências mercadológicas para definição de lista prioritária e, finalmente, votação entre os países-alvo em cada frente pré-definida: chapas polidas, blocos e materiais acabados.

De posse das três listas distintas, a próxima etapa é uma análise interna conjunta entre as equipes técnicas da Apex-Brasil e Centrorochas para definição de oito a 10 países que irão nortear as ações do projeto setorial.

Apex-Brasil/ Projeto Setorial

A agência trabalha para promover os produtos e serviços brasileiros no exterior e atrair investimentos estrangeiros para setores estratégicos da economia brasileira. Atuação: qualificação empresarial, estratégia para internacionalização, promoção de negócios e imagem, atração de investimento e inteligência de mercado.

Os projetos setoriais são parcerias realizadas entre a Apex-Brasil e entidades representativas com o objetivo de apoiar as atividades de desenvolvimento da capacidade exportadora das empresas, contribuindo assim para a promoção da indústria brasileira no mercado externo.

Fonte: Portal da Mineração

Data: 27/01/2021



JANGADA PREPARA AVALIAÇÃO PRELIMINAR PARA PROJETO DE VANÁDIO PITOMBEIRAS, NO CE

A Jangada Mines prepara uma avaliação econômica preliminar “robusta” para o projeto de vanádio Pitombeiras, no Ceará. Segundo a empresa, a campanha de sondagem que está em andamento no ativo deve expandir “potencialmente” a estimativa inicial de recursos minerais NI 43-101.

O programa prevê 2 mil metros de sondagem diamantada e, de acordo com a mineradora, oito de nove furos concluídos até o momento para um total de 649,15m "lineares de mineralização de titanomagnetita de vanádio (VTM)".

A empresa relatou que os resultados já recebidos incluem 21,50m a 0,55% de pentóxido de vanádio (V2O5), 9,81% de dióxido de titânio (TiO2) e 50,39% de óxido férrico (Fe2O3), incluindo 7m a 0,66% V2O5, 12,17% de TiO2 e 60,59% de Fe2O3; 27,01m a 0,64% V2O5, 11,66% TiO2 e 58,51% Fe2O3, incluindo 11m a 0,75% V2O5, 14,22% TiO2 e 69,19% Fe2O3; 27,17m a 0,57% V2O5, 10,81% TiO2 e 55,13% Fe2O3, incluindo 9m a 0,74% V2O5, 14,50% TiO2 e 70,92% Fe2O3; e 22,68m a 0,59% V2O5, 11,25% TiO2 e 55,59% Fe2O3, incluindo 7m a 0,75% V2O5, 14,13% TiO2 e 69,37% Fe2O3.

A campanha, cujas análises estão a cargo da SGS Geosol, está avaliando o corredor estrutural associado à conhecida mineralização VTM, incluindo anomalias nos alvos Pitombeiras Norte, Pitombeiras Sul e Goela. "Os resultados da sondagem estendem ainda mais a pegada de mineralização da área de recursos anteriormente conhecida nas direções N-NE e N-NW", disse a Jangada em nota divulgada nesta segunda-feira (25).

Todos os furos concluídos até o momento estão localizados no alvo Pitombeiras Norte com o objetivo de expandir os atuais recursos minerais. Atualmente, o alvo tem Recurso Indicado de 705.508 toneladas com classificação de 0,62% V2O5 e Recurso Inferido de 1,68 Mt com classificação de 0,60% V2O5 com Recurso Mineral adicional (Indicado + Inferido) de 2,61 Mt com classificação de 0,40% V2O5 em um domínio de baixo teor.

"Os resultados da sondagem continuam a fornecer evidências positivas da qualidade de nosso depósito de vanádio e, novamente, vimos a pegada de minério de Pitombeiras Norte estendida mais ao norte da área de recursos existentes", declarou o presidente executivo da Jangada, Brian McMaster.

"Isso aumenta nossa convicção de que Pitombeiras Norte detém um recurso maior para apoiar uma Avaliação Econômica Preliminar robusta. A mineralização de VTM continua a ser aberta ao longo do strike e será testada novamente no programa de sondagem atual", acrescentou.

PEA

A mineradora informou que testes metalúrgicos adicionais também foram encomendados e os resultados são esperados "no devido tempo". "O objetivo é que, quando o programa de sondagem for concluído e os recursos minerais expandidos forem estimados, os testes metalúrgicos estarão prontamente disponíveis para melhorar a precisão do PEA", afirma a empresa, referindo-se à sigla em inglês para avaliação econômica preliminar, que será elaborada pela GE21 Consultoria Ambiental.

Outros aspectos-chave da PEA, segundo a companhia, serão as opções de marketing e logística, para as quais a Jangada comissionou especialistas de mercado para investigar compradores potenciais dos produtos da empresa de acordo com as especificações geradas pelos testes metalúrgicos.

A companhia afirmou que o programa de sondagem atual, a PEA e trabalhos de desenvolvimento de projetos concomitantes serão financiados com recursos existentes em caixa.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 26/01/2021



WORLD'S COPPER MINES STRUGGLING WITH COVID-19

The deadly coronavirus has taken a heavy toll on the world's copper mines.

Output in key producer countries such as Peru cratered over the second quarter of 2020 as lockdowns and quarantine measures caused many mines drastically to reduce operations.

Recovery has been patchy. Peruvian mines had just about returned to normal run-rates by October, but output in Chile, the world's largest copper producer, started sliding in the third quarter after a robust first half of the year.

Global mine output in the first 10 months of 2020 was still 0.5% lower than 2019 levels, according to the International Copper Study Group (ICSG).

What was supposed to be a year of mined supply growth turned out to be the second consecutive year of zero growth.

The resulting supply chain stress is manifest in this year's benchmark smelter terms which are the lowest in a decade.

There is as yet no sign of a turnaround in the raw materials segment of the copper supply chain, suggesting full covid-19 recovery could be a protracted affair.

Falling benchmark

Treatment and refining charges, which are what a smelter levies for processing copper concentrates into refined metal, are the best indicator of what is going on in the opaque raw materials market.

And the message is clear. There's not enough concentrate to go around.

The benchmark terms for this year's shipments fell to \$59.50 per tonne and 5.95 cents per pound from what was already a lowball \$62.00 and 6.2 cents in 2019. They haven't been this low since 2011, another year of mine supply stress, when they were settled at \$56.00 and 5.6 cents.

Last year's supply woes coincided with increased appetite in China as new smelters entered the competition for raw materials.

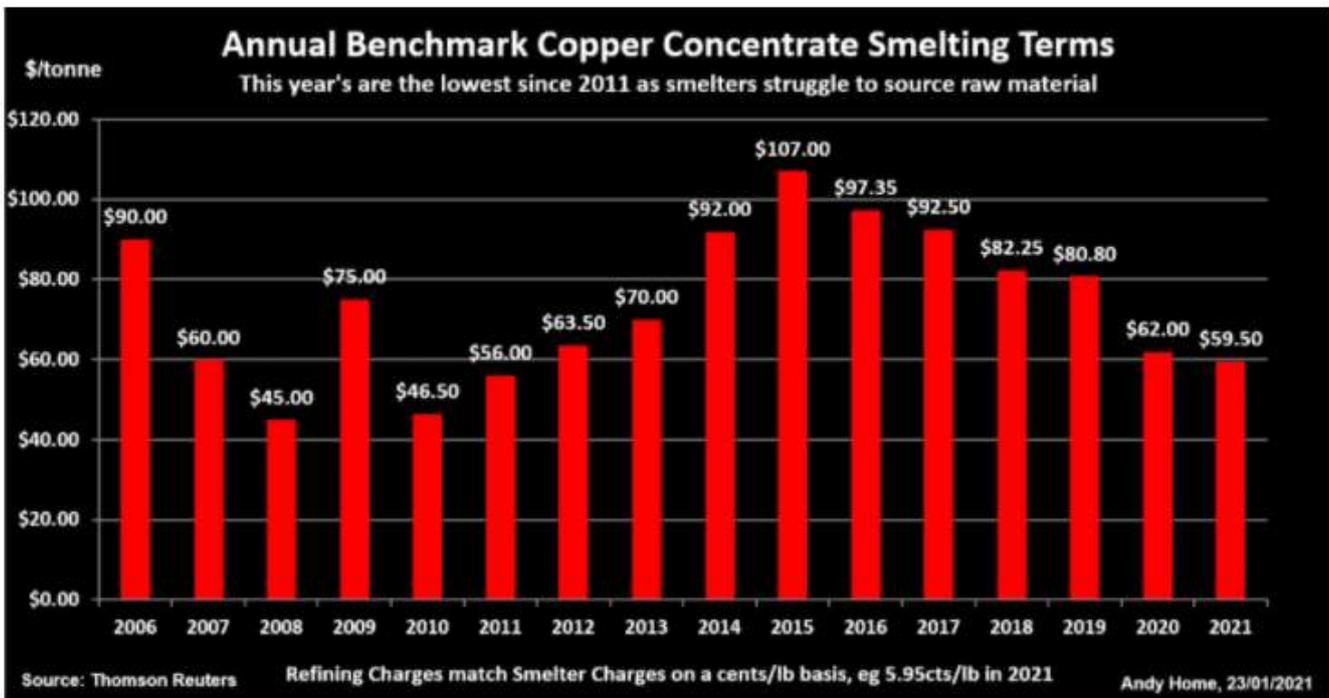
That should have translated into more concentrates imports. But after increases of 14% and 12% in 2018 and 2019 respectively, imports were down by 1% over the first 11 months of 2020 as smelters struggled to source material.

Unless there was a big rebound in December itself, 2020 could be the first year of lower concentrates arrivals since 2011.

An unofficial ban on Australian material hasn't helped. Strained bilateral relations between Australia and China have impacted Chinese purchases of copper concentrates, which fell to zero in December.

However, Australia was only the fifth-largest supplier to China in 2019 and although constricted trade has exacerbated the tightness, the root cause has been covid-19 disruption, particularly in Peru.

What is normally China's second top supplier after Chile saw mined copper production contract by 38% over April and May and by 14.5% over the January-October period, according to the ICSG.



Smelter squeeze

There is no sign of any short-term alleviation of the squeeze on smelter margins.

Indeed, it may be getting worse.

China's Smelter Purchase Team, a grouping of some of the country's biggest players, has lowered its floor purchase terms to \$53.00 and 5.3 cents for the first quarter.

The Team has considerable negotiating muscle and its quarterly minimum terms are a strong signal as to the state of play in the concentrates market.

This quarter's floor terms are down from \$58.00 and 5.8 cents in the fourth quarter and from \$67.00 and 6.7 cents in the first quarter of 2020.

Even this low first-quarter floor may be on the optimistic side, since Fastmarkets is assessing the spot market for copper concentrates at below \$50.00 and 5 cents.

Quite evidently, copper mine production still has a way to go before satisfying smelter demand.

Long recovery?

Supply should improve as mine activity normalises along with everything else in the wake of covid-19 vaccination programs.

The ICSG's October forecast was for world mined copper production to fall by 1.5% in 2020 but to come roaring back with 4.6% growth in 2021.

Things, however, may not be that simple.

Consider the case of the Las Bambas mine in Peru. Production last year was 311,000 tonnes of copper in concentrate, according to mine operator MMG Ltd.

The mine took a 70,000-tonne hit from a combination of COVID-19 restrictions on personnel, unplanned maintenance and, to a lesser degree, community road blockages.

Production recovered to pre-pandemic rates in the fourth quarter with onsite workforce levels "now in excess of 90% of normal, with expanded COVID safe accommodation options available at site and in local communities," MMG said,

But last year's disruption will have a long tail.

It was supposed to be "a year of transition for Las Bambas, with an intended focus on continuing to increase mining volumes to open up additional operating faces, completion of the third ball mill and the development of the (new) Chalcobamba pit."

Most of that activity will now fall into this year "with a return to higher production volumes in following years," according to MMG. Production in 2021 is expected to come in close to 2020 levels at 310,000-330,000 tonnes of contained copper before rising to 400,000 tonnes in subsequent years.

Although Las Bambas like other mines has learned to live with COVID-19, it has done so at the cost of deferring expansion work.

Long covid-19

When copper smelter terms were last this low – 2010 and 2011 – the copper price was at record highs.

That was no coincidence. The world's miners were collectively blindsided by the strength of China's demand for industrial metals. Their inability to respond saw tightness in the concentrates segment of the supply chain transmitted into the refined metal section.

With Chinese demand again booming and analysts looking for a strong pick-up in demand from the rest of the world on the back of "green" technology roll-out, copper mine supply needs to react.

However, if Las Bambas is indicative of operational stresses in the rest of the sector, production is not going to miraculously snap back to pre-pandemic levels this year.

Just as the world starts to consider the effects of "long COVID-19" on human health, the copper market needs to start doing the same for mine supply.

Fonte: Mining.com

Data: 26/01/2021



QUATORZE MINERADORAS PRETENDEM INVESTIR R\$ 8,8 BILHÕES EM NOVE CIDADES DE GOIÁS

O governo de Goiás assinou um protocolo de intenções sobre investimentos de R\$ 8,835 bilhões feitos por mineradoras em nove municípios do estado. A maior parte dos investimentos, mais de R\$ 7 bilhões, devem ser direcionados para as regiões norte e centro, onde a economia gira em torno do setor mineral.

O protocolo foi assinado pelo governador Ronaldo Caiado (DEM) no domingo (24) durante uma videoconferência. As companhias investidoras se dividem entre multinacionais e grupos brasileiros. Os investimentos previstos são em operações de terras raras em Minaçu; ouro e cobre em Alto Horizonte; ouro em Crixás, Mara Rosa e Pilar de Goiás; níquel em Barro Alto; cassiterita em Nova Roma; fosfato em Montes Claros de Goiás; e nióbio em Catalão.

O titular da Secretaria de Indústria Comércio e Serviços de Goiás (SIC), Adonídio Neto Vieira Júnior, relatou no evento que foi formada uma força-tarefa para acompanhamento das licenças ambientais há oito meses, após uma reunião com as mineradoras que realizariam os investimentos.

Desde então, segundo ele, quase 70% dos processos estão concluídos ou em fase final de aprovação e que equipes do governo têm visitado todas as plantas de mineração para "destravar" questões relacionadas a benefícios fiscais.

Caiado afirmou que deseja que o Estado se torne uma referência na agilidade do licenciamento ambiental. "Temos compromisso com o meio ambiente, mas precisamos da produção e da geração de empregos", declarou.

O presidente do Sindicato das Indústrias Extrativistas do Estado de Goiás, Luiz Antônio Vessani, afirmou que "a questão mais nevrálgica é a ambiental", ao falar das dificuldades enfrentadas pelas mineradoras no estado. Ele também apontou outros desafios de Goiás em relação à mineração, como a necessidade de agregar valor ao produto mineral; problemas de logística com ênfase no transporte, o que dificulta a implantação de projetos médios; e também gargalos no serviço de energia elétrica.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 26/01/2021



IRON ORE PRICE IN FULL RETREAT AS CHINESE STEEL STARTS TO PILE UP

Iron ore prices fell back on Tuesday after data showed five straight weeks of lower production by Chinese steel mills, which forge more crude steel than the rest of the world combined.

According to Fastmarkets MB, benchmark 62% Fe fines imported into Northern China (CFR Qingdao) were changing hands for \$165.07 a tonne, down 2.4% for its third day of losses in a row.

The steelmaking raw material hit its highest level since September 2011 earlier in January.

Reuters reports capacity utilisation rates at 163 blast furnaces across China fell for five straight weeks to 82.2% last week, according to data from Mysteel consultancy.

That led to a rise in steel product inventories which had been piling up for a month and in the week to January 21, jumped 6% compared to a week earlier.

The dip in iron ore prices also came despite World Steel Association data released on Tuesday showing global crude production rose 5.8% to 160.9 million tonnes in December from a year earlier, with China accounting for 91.3m tonnes of the total after a 7.7% output jump during the month.

Fonte: Mining.com

Data: 26/01/2021



CSN LANÇA IPO DO NEGÓCIO DE MINERAÇÃO

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) iniciou o processo de abertura da oferta pública inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) da subsidiária CSN Mineração, com a operação podendo movimentar até R\$ 8,1 bilhões. O montante considera a venda de todos os lotes de ações, um total de 720.817.408 papéis, no maior preço da faixa indicativa, que varia de R\$ 8,50 a R\$ 11,35.

De acordo com o documento divulgado pela siderúrgica na sexta-feira (22), em que foi anunciado o lançamento da IPO, a operação prevê a venda inicial de 533.939.821 papéis, sendo 161.189.078 na tranche primária (quando os recursos vão para o caixa da empresa) e 372.749.743 na secundária (quando os acionistas vendem participação).

No caso da oferta secundária, a CSN disse que vai vender um total de 327.593.584 ações que têm na CSN Mineração, enquanto a sul-coreana Posco vai colocar 7.565.145 papéis à venda, e a japonesa Japão Brasil Minério de Ferro Participações um total de 37.591.014 ativos.

O IPO da CSN Mineração prevê ainda a possibilidade de a quantidade de ações ser acrescida em até 80.090.823 unidades por meio de um lote suplementar, para estabilização do preço das ações durante os primeiros pregões, e um lote adicional de até 106.787.764 ações, que contém participações adicionais da CSN e suas sócias asiáticas.

O preço por ação será fixado após o processo de coleta de intenções de investimento com investidores (bookbuilding). Os recursos da oferta primária, de acordo com a CSN, serão utilizados para expandir as operações.

Um grupo de 11 instituições está coordenando a IPO, com o Morgan Stanley atuando como líder e a XP investimentos como agente estabilizador.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 26/01/2021



COPPER PRICE DEFIES PULLBACK PREDICTIONS

Copper prices held steady on Monday despite expectations that its rapid recovery in recent months will reverse due to another virus outbreak in China and lower business activities around the globe.

Copper is trading at \$3.626 a pound or about \$8,000 a tonne on the Comex, still near an eight-year high. The bellwether metal is up more than 80% since demand tanked in the first half of 2020 as coronavirus lockdowns flooded industrial activity.

Reasons for the expected lull include scrap, which typically starts to emerge at high prices, and the risk of wider lockdowns undermining industrial activity in the first quarter.

Most importantly, demand for copper has slowed in top consumer China, where imports have levelled off ahead of the Lunar holiday in February, when many factories close. China imported record volumes of unwrought copper and copper products last year, but the December number fell for a third consecutive month to 512,332 tonnes.

It is anticipated that copper will pick up momentum after the Chinese New Year holiday as demand gradually overtakes supply leaving the market with a substantial deficit.

“There isn’t going to be a lot of impetus from China to take the market forward until March,” Roskill Principal Consultant Jonathan Barnes said in a Reuters interview.

“China’s share of the copper market at 55% is now even bigger than it was because its consumption rose last year and almost everywhere else declined.”

Copper supplies are expected to rise this year as covid-related problems come to an end, but with prices at elevated levels the potential for disruptions remains as mine workers seek higher wages.

This, alongside sliding stocks in LME registered warehouses at 87,725 tonnes, which have more than halved since October and are at their lowest since September, will support copper. Low stocks will help propel prices higher later in 2021, according to analysts.

“Any price pullback to \$7,600 should be used to build longs. We expect copper prices to reach \$9,500 by mid-2021,” analysts at UBS said. They expect copper supply to rise 2.9% this year and a deficit of 469,000 tonnes.

Fonte: Mining.com

Data: 25/01/2021



VALE DEVE INVESTIR US\$ 2,7 BILHÕES NO SISTEMA NORTE ATÉ 2024

A Vale estima concluir investimentos de US\$ 2,7 bilhões só em projetos de minério de ferro na região Norte, de onde extrai seu produto mais puro e mais valorizado. O Sistema Norte receberá 81% do orçamento de expansão de capacidade de ferrosos da empresa no período.

Em 2021, a companhia prevê investir US\$ 5,8 bilhões, dos quais US\$ 1 bilhão apenas para expansão. O montante se repetirá nos anos subsequentes. São números muito aquém da era de projetos bilionários como S11D, no Pará, o maior da história da empresa. No pico, em 2011, o orçamento da multinacional para investimentos chegou a US\$ 18 bilhões.

Berço das operações da mineradora, Minas segue relevante em especial por ter um minério com menor teor de ferro que, misturado ao de Carajás, gera o BRBF, vendido na China. Os desastres que custaram vidas e deixaram um rastro de lama pelo Estado, entretanto, impõem a readequação das estruturas e o desenvolvimento de tecnologias de processamento a seco, mais seguras.

Risco de condenação bilionária na Justiça X Mineração sustentável

O objetivo principal da Vale no momento é retomar a produção perdida em Minas após Brumadinho, além de impedir novas ocorrências. Em dezembro, um trabalhador morreu em um deslizamento de terra na mina Córrego do Feijão. Em paralelo, sem acordo com o governo mineiro em torno de Brumadinho, a empresa corre o risco de sofrer uma condenação bilionária na Justiça.

Enquanto o Quadrilátero Ferrífero expõe os problemas de imagem da Vale, o complexo de Carajás é alardeado como modelo da mineração sustentável. Em setembro, o Ministério de Minas e Energia organizou uma comitiva de embaixadores europeus no Brasil, além de procuradores para "desmistificar questões relativas à mineração na região amazônica".

O minério de Carajás, com teor de ferro que pode chegar a 66%, contribui para a estratégia comercial da Vale de oferecer produtos que ajudem clientes como as siderúrgicas chinesas a reduzir as emissões de carbono. Com o insumo a US\$ 170 por tonelada, ele chega a receber um prêmio extra de US\$ 22. Como pode ser misturado a minérios mais pobres, estica a vida útil dos demais sistemas.

O geólogo e consultor Elmer Prata Salomão lembra ainda que em um projeto como o S11D, automatizado e sem barragem de rejeitos, o custo de produção é bem menor. Em fevereiro do ano passado, o custo da mina ao porto ficava entre US\$ 8 e US\$ 9 a tonelada no S11D. No Sistema Sul, passava de US\$ 30.

"Carajás é uma jazida fantástica, que ainda tem forte potencial a ser explorado e uma logística excepcional já implantada. As minas do Quadrilátero Ferrífero não serão abandonadas, mas já são maduras", diz Salomão.

Projetos

Entre as grandes jazidas da commodity já descobertas, a única comparável a Carajás é Simandou, na Guiné. O "Carajás africano", porém, está distante dos planos da Vale. A tentativa da brasileira de explorá-la, na gestão de Roger Agnelli (1959-2016), até hoje reverbera em uma bilionária batalha judicial com seu antigo sócio, o israelense Beny Steinmetz, condenado a prisão por suborno, e que tenta provar que a Vale sabia dos riscos envolvidos na concessão.

É no Pará que a Vale mais investe para o longo prazo. Somados à retomada do volume perdido em Minas, os projetos no Estado ajudarão a mineradora a chegar a 400 milhões de toneladas ano de minério em 2022 e, depois avançar, para 450 milhões de toneladas - 57,5% delas oriundas de reservas no Norte. A ideia é tentar ganhar flexibilidade para atender à demanda sem sustos.

O mais robusto dos projetos em curso é o Serra Sul 120, de US\$ 1,5 bilhão, em Canaã dos Carajás. Ele vai elevar o potencial produtivo da mina de S11D a 120 milhões de toneladas/ano no primeiro semestre de 2024. Antes, em 2022, a mesma mina terá recebido US\$ 772 milhões no Projeto Sistema Norte 240, batendo a marca de 100 milhões de toneladas. Juntos, os dois respondem por 81% dos aportes da Vale para expansão de ferrosos nos próximos anos.

O avanço na região inclui o Projeto Gelado, na Serra Norte, destinado a alimentar a usina de pelotas em São Luís, no Maranhão. Além disso, a Vale obteve em novembro a licença para retorno e ampliação da Serra Leste, em Curionópolis, no Pará. Ele foi suspensa em 2019 por atingir o limite da área liberada.

Futuro

Internamente, a Vale já avalia o desenvolvimento do S11C - no jargão geológico o bloco C do corpo S11 -, na Serra Sul de Carajás. A estimativa é de uma extração de 30 milhões de toneladas/ano de minério na área, vizinha ao S11D. A fase atual é de desenho da engenharia e estudos de viabilidade. "Vai depender do timing do mercado saber se o S11C entrará adicionando capacidade ou substituindo outras", diz fonte próxima à companhia.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 25/01/2021



CABRAL IDENTIFICA NOVA ESTRUTURA MINERALIZADA NO PROJETO DE OURO CUIÚ CUIÚ

Um trabalho de exploração da Cabral Gold no projeto de ouro Cuiú Cuiú identificou uma nova estrutura mineralizada na área do alvo Índio do ativo no Pará. De acordo com a mineradora, o resultado da análise na amostragem de superfície coletada na área retornou até 137,8 grama do metal amarelo por tonelada (g/t).

A empresa informou que já foram concluídas análises em várias amostras de superfície no alvo, ainda não sondado, que está localizado a aproximadamente 1,5 km do depósito de ouro MG e 2,5 km do alvo de ouro Alonso.

"Os resultados anteriores de amostras de superfície em Índio variaram de 1,5 a 52,6 g/t de ouro e os resultados de amostras de sulfeto de quartzo retiradas de uma nova área 200m a noroeste, onde um veio é relatado, retornou valores de 7,7, 9,7, 13,3 e 29,3 g/t de ouro. Uma amostra coletada um pouco ao sul do local de amostragem anterior retornou 137,8 g/t de ouro", declarou a Cabral, informando ainda que uma sondagem no alvo será iniciada nos próximos dias.

"A identificação de mineralização de sulfeto de quartzo de alto teor na superfície do alvo Índio é muito encorajadora e será ele testado por sondagem de reconhecimento nas próximas duas semanas", afirmou o presidente e diretor-executivo da Cabral, Alan Carter.

A exploração de Índio ocorre de forma simultânea a uma campanha de sondagem de circulação reversa no alvo Tracajá, onde a companhia afirma ter identificado uma nova estrutura de veios de tendência nordeste. Até o momento foram concluídos seis furos.

Segundo a companhia, dezenove amostras de superfície coletadas na borda de trabalhos históricos no alvo em novembro retornaram valores de 24,2 g/t a 165,0 g/t de ouro, com uma média de 74,9 g/t do metal amarelo

A Cabral afirmou ainda que já foram concluídas as análises em cinco furos da sondagem realizada em Tracajá, que incluem 1m @ 0,61 g/t de ouro de 51m e 7m @ 0,45 g/t de ouro de 82m no furo 50, e 2m @ 0,70 g/t ouro de 55m no furo 51, e 1m @ 0,64g/t de ouro de 28m no furo 52.

"Embora esses valores de ouro sejam menores do que os blocos amostrados na superfície, a presença de uma estrutura mineralizada é significativa e exigirá mais sondagem de acompanhamento", observou a mineradora.

"O distrito de Cuiú Cuiú não era a maior área de ouro de aluvião na terceira maior região de ouro de aluvião do mundo sem motivo. Nosso programa de exploração está apenas começando a revelar o teor e o tamanho deste emocionante distrito de ouro", salientou Alan Carter.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 25/01/2021



COLUMN: IS CHINA NEARING PEAK ALUMINIUM AFTER RECORD 2020 OUTPUT?

World aluminium output rose by 2.5% to a record 65.3 million tonnes last year, with producers lifting run-rates as the aluminium price rebounded from its March lows.

The COVID-19 recovery has been led by China, where booming demand has seen the world's largest producer turn net importer of primary metal this year.

China's giant aluminium smelting sector responded to soaring local prices with a 1.8-million tonne lift in annualised production over the second half of 2020.

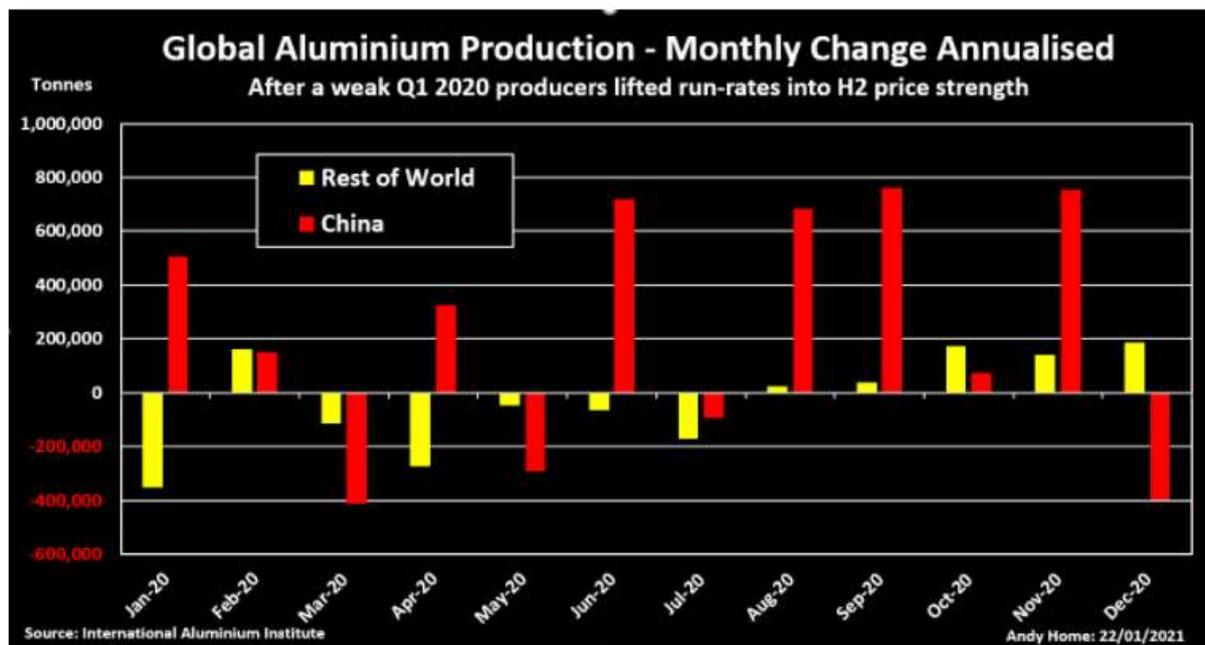
November saw annualised run-rates exceed 39.0 million tonnes for the first time ever, according to the International Aluminium Institute.

This supply surge is coinciding with a wind-down in demand ahead of the Chinese Lunar New Year holiday period, with most analysts expecting prices to weaken over the coming weeks and months as the market digests the extra production.

This is how the aluminium market has played out for many years. China's seemingly infinite ability to bring on new capacity has been the single largest hindrance to any sustained price rally.

Things, however, may be changing, with even Chinese producers now talking about peak aluminium production.

For a graphic on Aluminium producers lifted output as the price rallied in 2020:



CHINA'S CAPACITY CAP

China may be running out of new capacity to flex as national production edges ever closer to the country's capacity cap of 45 million tonnes per year.

The government has since 2017 been enforcing a strict old-for-new policy in the aluminium sector. New smelters have only been permitted when matching older capacity is closed.

On paper there is six million tonnes of potential flex between the cap and November's run-rate of 39 million tonnes. In reality, the gap is much smaller than it appears.

There are currently around three million tonnes of shadow capacity sitting idle, according to AZ China consultancy.

These smelters are deemed "illegal" by the Chinese authorities, mostly because they failed to tick all the bureaucratic boxes of the permissioning process.

"As best as we can tell, no operators have been tempted to secretly energise their pots," AZ China said in a September note to clients.

However, "it does act as a good reminder that the maximum theoretical limit of 45 million tonnes cannot be reached based on today's rules".

Specifically, the "illegal" smelters don't have the replacement capacity licences they need to activate their production lines.

Strip these operators out of the equation, and Chinese aluminium production is much closer to the capacity ceiling than it might at first seem.

CHINA'S POWER PROBLEMS

The Chinese government could of course allow the "illegal" operators to start up. It could also lift the capacity cap.

Complicating the picture, however, is Xi Jinping's pledge in October last year that China would reach peak carbon emissions before 2030 and become carbon neutral by 2060.

That's a big problem for a sector that in 2018 was 90% reliant on coal power to energise its potlines.

The tension between the requirements of the aluminium market and the constraints of China's carbon ambitions are already surfacing.

China's two biggest aluminium producers last week issued a joint call for the sector to reduce emissions, conserve energy and produce low-carbon metal as part of the national plan to achieve carbon neutrality.

State champion Aluminum Corp of China and top private sector producer China Hongqiao Group might seem unlikely bedfellows, but both have large amounts of capacity powered by hydro in Yunnan province.

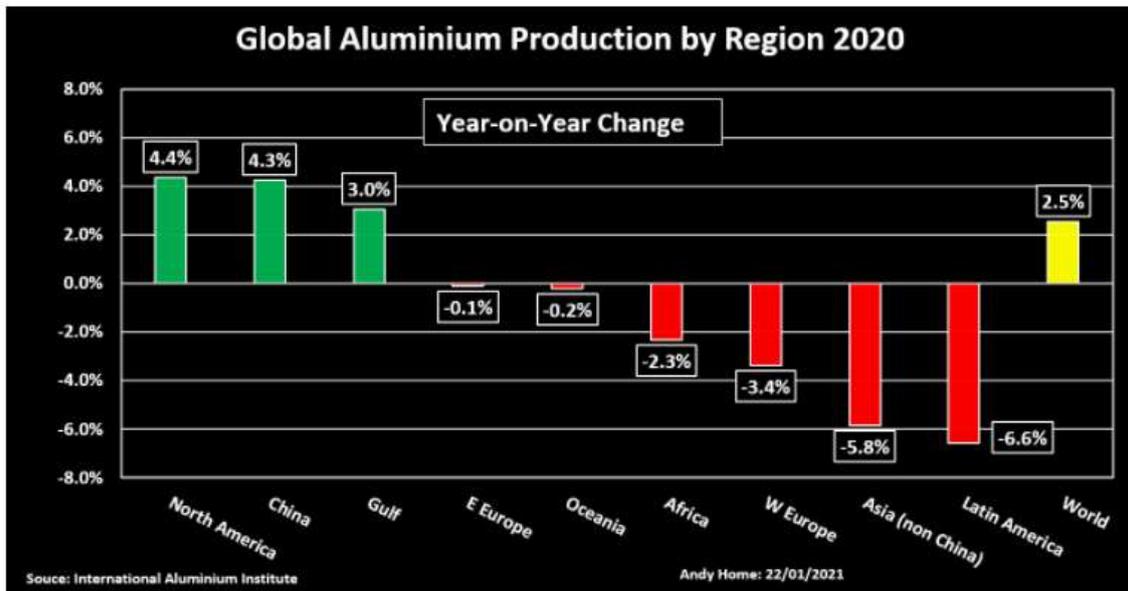
Both are speaking from a position of "green" strength.

That however should not detract from the significance of their joint call for strict capacity and output controls.

The real bombshell is a recommendation that production and capacity of both primary aluminium and raw material alumina should peak in the Five-Year Plan period running from 2021-25.

No targets were mentioned, but this unusual public-private call to arms suggests the political landscape of China's aluminium sector is shifting.

For a graphic on China, the Gulf and North America were the only regions to register higher output last year:



REST OF THE WORLD'S POWER PROBLEMS

If China is now close to its effective capacity cap, it could be a window of opportunity for producers everywhere else.

Chinese exports of semi-manufactured aluminium products such as foil and tube have hollowed out demand for primary aluminium in other markets as well as keeping a tight lid on prices over the last decade.

If the dynamic of excess Chinese production being exported diminishes, it should be good news for everyone else.

However, many producers outside of China have their own power problems.

While new capacity has been brought on stream in India, the Gulf and Russia over the last couple of years, older smelters are quietly giving up the ghost.

Alcoa last year curtailed its Intalco smelter in Washington State and was due to close its San Ciprian plant in Spain before pausing the process in December after a court challenge.

The Tiwai Point smelter in New Zealand has just narrowly escaped the axe, but owner Rio Tinto is still reviewing the future viability of its ISAL smelter in Iceland.

The core issue in all these cases is less the price of aluminium than the cost of power in local markets.

Aluminium smelters are power-hungry plants, and those in the developed world are being squeezed out by rising demand for electricity.

It's ironic that aluminium production is being hobbled by the very sector that needs it most for decarbonisation, whether it be directly in the form of solar panels or indirectly in the lightweighting of electric vehicles.

This continued attrition of older smelter capacity also poses a big question mark as to what the world will do if the Chinese aluminium juggernaut does run out of road.

That seemed a remote possibility until a couple of years ago. With the country's top two operators calling for national production to peak over the next five years, it seems a lot less remote today.

Fonte: Reuters

Autor: Andy Home

Data: 22/01/2021



TRILHA GOLD CAPITAL INICIA TRATATIVA DE PARCERIA COM A CBPM

Empresa almeja expandir atuação no país e avalia a aquisição de novas áreas de mineração no Estado da Bahia

A Trilha Gold Capital (TGC), grupo formado por dez empresas voltadas para pesquisa e desenvolvimento de projetos de mineração, se reuniu nesta terça-feira (19) com membros da Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM), para discutir o acordo de parceria que irá resultar na disponibilização de áreas no Estado da Bahia, visando à

pesquisa e exploração de minérios. O futuro acordo prevê o arrendamento dos territórios pela TGC, com cessão total de direitos minerários.

A expectativa é que o acordo seja firmado em breve. “A Trilha Gold Capital está expandindo cada vez mais no país, a partir da aquisição de projetos estratégicos. Desta forma, temos interesse na revalidação de pesquisas e exploração dessas áreas, sempre orientados sob os princípios de responsabilidade social e ambiental, que direcionam cada uma das ações da companhia e de seus parceiros. Acreditamos fortemente em uma mineração sustentável, que crie valor para o país e suas comunidades”, diz Basel Ibrahim Al Jughami, presidente e fundador da Trilha Gold Capital.

Para o diretor-presidente da CBPM, Antonio Carlos Marcial Tramm, acordos público-privados como este são de grande valia para o Estado. “O bem mais precioso da Bahia está debaixo da terra, com minerais cujo aproveitamento gera empregos e desenvolvimento econômico para toda a região. Estamos certos de que a união se tornará uma aliança firme e forte para a mineração, transformando esta tratativa inicial em uma produtiva parceria”, afirma.

Sobre a Trilha Gold Capital

O grupo abrange dez empresas voltadas para projetos de mineração e empresas de consultoria em geologia, geofísica, sondagem e cálculo de reservas. Fundada por Basel Ibrahim Al Jughami, um visionário que sempre acreditou em um modelo de mineração baseado em respeito ao meio ambiente, responsabilidade social e adoção dos mais altos padrões de tecnologia, a Trilha Gold Capital visa ser referência mundial em desenvolvimento sustentável na indústria de mineração de ouro. A companhia detém três projetos de mineração de ouro em desenvolvimento nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, cujo projeto em estágio mais avançado está localizado no município de Serrita, sertão de Pernambuco, com exploração prevista a partir de agosto de 2022.

Fonte: Portal da Mineração

Data: 22/01/2021



VALE RESUMES PELLET PRODUCTION AT VARGEM GRANDE

Vale resumed on Thursday production at the pelletizing plant in Vargem Grande, Nova Lima, in Minas Gerais state, which was halted in February 2019.

With a nominal capacity of 7 million tonnes of pellets per year, the plant is expected to produce approximately 4-5 million tonnes in 2021, according to its ramp-up and pellet feed availability.

Brazil’s mining regulatory agency had ordered Vale to halt operations at Vargem Grande to guarantee the stability of its dams.

Vale expects annual production of between 315 and 335 million tonnes for 2021.

The Vargem Grande mine is located in the same state as Brumadinho, the site of a dam operated by Vale that burst in January 2019 and killed 270 people.

On Thursday the company reported it had not reached an agreement on a settlement for damages regarding the disaster and that negotiations are currently on hold.

Minas Gerais is requesting 54.6 billion reais (\$10.3bn) in compensation, a figure that includes relocation and the psychological damage suffered by survivors and the victims’ families.

Ponta da Madeira

Vale said on Thursday that the fire on one of the eight shiploaders at the Ponta da Madeira Maritime Terminal in São Luís, Maranhão, will not impact iron ore shipments.

Ponta da Madeira is one of Vale’s main assets and one of the most important iron ore and manganese loading terminals in the world. The terminal has a loading capacity of around 230m tonnes per year and is also one of the only ports in the country suited for the ultra-large Valemax ships.

A source at Ponta da Madeira – Vale’s main port – told MINING.COM the shiploader boom used on pier 4S was hit and may have to be replaced, which could take over six months to arrive from China.

A halt could limit Vale’s iron ore shipment capacity by 32 million tonnes from Ponta da Madeira in 2021, sources said.

The company said it expects to resume shipping activities at P4S in the next few days with the shiploader that was not hit.

“There will be no impact on the monthly iron ore shipment schedule, due to the Northern System production seasonality – due to the rainy season in the North of Brazil – and the Northern System expected production for 2021, below the shipping capacity of 230 Mtpy,” the company said.

Vale expects to conclude the maintenance activities in the first half of 2021.

Fonte: Mining.com

Data: 22/01/2021



PDAC

PELA PRIMEIRA VEZ, CONVENÇÃO SERÁ VIRTUAL

Pela primeira vez, em 89 anos de história, a convenção da PDAC (Prospectors and Developers Association of Canada), será realizada de forma virtual. Este ano o evento, que acontecerá entre os dias 8 e 11 de março próximo, terá como temas principais:

- Performance em ESG – o setor mineral está cumprindo?
- Financiamento de junior companies;
- Oferta global dos metais para baterias e do grupo platina;
- Políticas ambientais e as cadeias de suprimento de materiais críticos;
- Mercado de metais em curto e médio prazos e após a Covid-19;
- O fator China na Mineração;
- O futuro do negócio de exploração mineral;
- O mercado de capitais e o setor mineral na perspectiva dos financiadores da atividade;
- Digitalização e inovação na mineração – o impacto dos investimentos;
- Exploração mineral e ESG – soluções integradas de disclosure para as junior companies.

O Brasil também estará entre os temas principais, com apresentações sobre a Metalogenia do Proterozóico.

Faz ainda parte do programa o tema das relações da mineração com as comunidades indígenas, que já é tradicional nas convenções da PDAC.

Entre as palestras, a organização da convenção ressalta as apresentações de Douglas B. Silver, da Orion Resources Partners, sobre o destino dos depósitos de ouro; de Jumana Saleheen, da CRU, que falará sobre a economia após a Covid-19; e de Laura Tyler, da BHP Billiton, que abordará o tema tecnologia na mineração.

"Estamos animados em adaptar a convenção PDAC, oferecendo uma experiência virtual para os participantes pela primeira vez. A convenção desempenha um papel vital em manter a comunidade de exploração mineral e de mineração conectada e isto é mais importante do que nunca, já que nossos membros, expositores, apoiadores, participantes e parceiros enfrentam o desafio apresentado pela crise de saúde global", disse Liza McDonald, Diretora Executiva da PDAC.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 21/01/2021



NEXA PLANEJA INVESTIR R\$ 1,2 BILHÃO EM 2021 PARA ACELERAR PROJETO DE ZINCO NO MT

A Nexa Resources vai acelerar investimentos e aportar R\$ 1,2 bilhão em 2021 para iniciar as operações na sua mina de zinco no projeto Aripuanã, no Mato Grosso. Em 2020, por causa da crise econômica mundial causada pela pandemia do novo coronavírus, a empresa reduziu o ritmo dos investimentos.

Quando a obra estiver finalizada, a mina produzirá anualmente 70 mil toneladas de zinco, 24 mil toneladas de chumbo e 4 mil toneladas de cobre, gerando mais de 1.600 empregos.

Ao todo, a mineradora planeja investir neste ano R\$ 2,4 bilhões, buscando a sustentabilidade dos negócios e o aperfeiçoamento dos índices de segurança e saúde.

"Em resposta à Covid-19, em 2020 concentramos nossos esforços na preservação do caixa. Consequentemente, reduzimos temporariamente os investimentos de não-expansão, mantendo todos os investimentos essenciais para operar com segurança", destaca o relatório assinado pela diretora de relações com investidores, Roberta Varela.

"Em 2021, esperamos retomar nossos investimentos em sustentabilidade e HSE (saúde, segurança e meio ambiente, na sigla em inglês), semelhantes aos níveis pré-pandemia, a fim de continuar a construir um negócio sustentável de longo prazo", completa o documento.

Todo o projeto de Aripuanã deve custar à Nexa R\$ 2,9 bilhões.

Na terça-feira (19), a Nexa anunciou que as vendas em 2020 superaram a faixa de meta para o ano. No entanto, apesar de ficar acima da expectativa, o volume de vendas representou uma redução de 6% em relação às 621.000 toneladas vendidas em 2019.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 21/01/2021



MOODY'S SEES LOWER RATES FOR SEVERAL YEARS TO SUPPORT GOLD PRICE

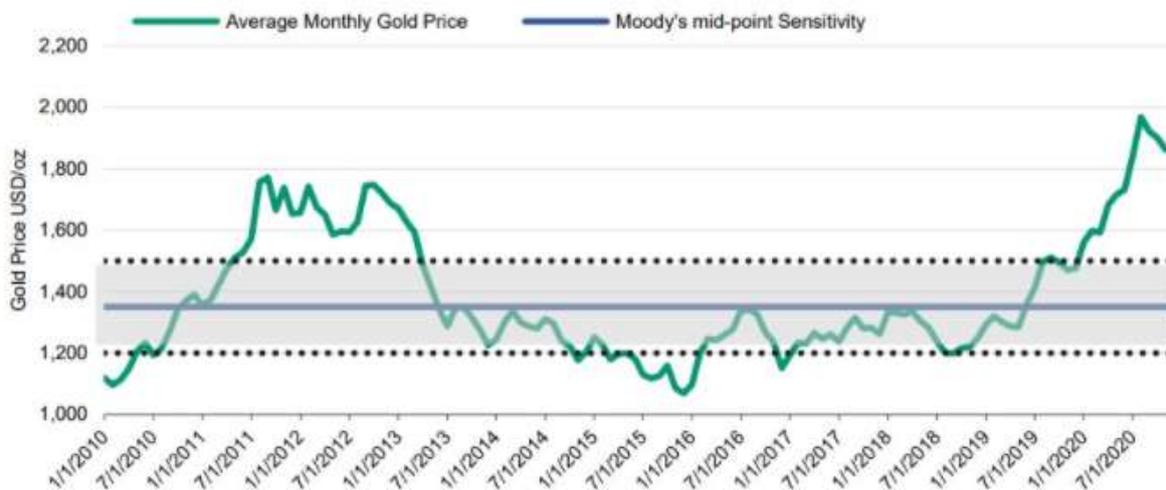
Gold prices held gains on Thursday after surging during the previous session on hopes for further stimulus under President Joe Biden's administration.

Spot gold traded 0.4% lower at \$1,863.51 per ounce by 11:40 a.m. EST. Meanwhile, US gold futures were down 0.1% at \$1,864.40 per ounce on the Comex in New York.

In an earlier report, Moody's Investor Service raised its so-called price sensitivity range for gold, which the debt ratings agency uses to evaluate credit quality and risk for producers over the next several years.

The new price sensitivity range is pegged at \$1,200 to \$1,500 per ounce, which represents an 8% increase at the midpoint from the \$1,100-1,400 per ounce figure set in February 2020.

Average gold price over the past 10 years was \$1,385/oz, close to our revised median of \$1,350/oz.



Source: World Gold Council, Moody's Investors Service

This revision was based on factors including lower-for-longer interest rates, expectation of a global economic recovery that will be uneven by country, region and sector, as well as continued political and geopolitical tensions that add to economic uncertainty.

"The revised range incorporates our view that gold does not have the same supply/demand fundamentals as other metals and is largely seen as a safe haven or store of value, fluctuating in response to global macroeconomic factors," says Moody's, adding that market sentiment and speculative positioning will keep gold prices volatile as a result.

"Current spot gold prices are above \$1,800 per ounce, and we expect prices will remain at or above the top end of our new range through the first half of 2021."

Lower rates

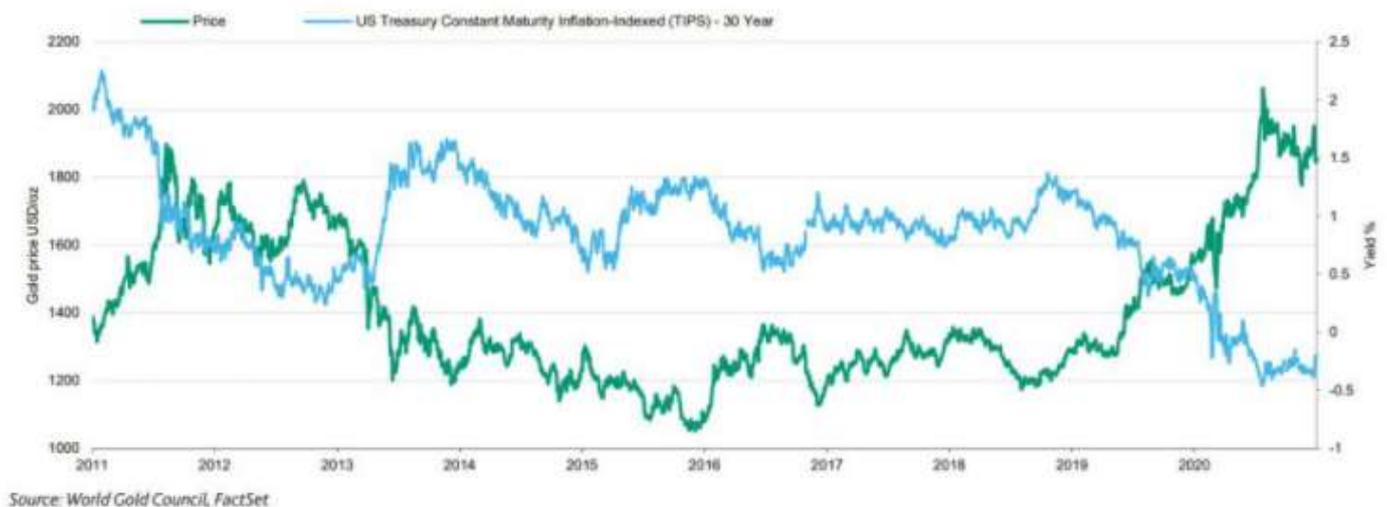
Supporting the increase to the gold price range is the view that real interest rates across maturities are expected to remain low over the next several years.

Moody's believes central banks will continue to support market liquidity and financial conditions well into 2021. The banks have already communicated that they will likely keep interest rates low through the next two years and until economic growth recovers, unemployment rates decline and inflation anchors at the target.

Given that the economic recovery will still be incomplete in 2021, and given the persistent long-term disinflationary pressures from technological innovation, the risks of disinflation will be higher in 2021 relative to the risks of inflation overshoot.

This will provide space for interest rates to remain low across both advanced and emerging economies.

Gold prices have demonstrated a correlation with interest rates.



Fonte: Mining.com
Data: 21/01/2021

BRASIL
mineral

COBALTO

JERVOIS INVESTE EM REFINARIA NO BRASIL

A Jervois Mining revelou planos para integrar um circuito de lixiviação por oxidação a pressão (POX) em sua refinaria de níquel/cobalto de São Miguel Paulista, no Brasil, que foi negociada, em outubro de 2020, com a Companhia Brasileira de Alumínio (CBA) - subsidiária da Votorantim - por US\$ 22,5 milhões, pagáveis em parcelas. Em dezembro a Jervois fez o pagamento da primeira parcela.

A empresa nomeou a Elemental Engineering para iniciar a modelagem no fluxograma da refinaria a fim de otimizar a integração do produto, incluindo hidróxidos e produtos de carbonato, óxidos e concentrados de sulfeto como parte de um estudo de viabilidade de reinício.

A empresa disse que tomou a decisão para integrar um circuito de lixiviação POX na refinaria, porque o processo oferece uma série de vantagens, incluindo alta recuperação de metal, custos operacionais gerais baixos, indicadores de governança ambiental e social aprimorados devido a emissões e uso de energia mais baixos, e pureza aprimorada de produtos refinados.

A introdução de uma autoclave POX também abre uma maior capacidade para lixiviar outros produtos de hidróxido e carbonato de alimentação, maximizando a capacidade de refino existente, informou a Jervois aos acionistas. A empresa processará concentrados de sulfeto produzidos em suas operações de cobalto em Idaho (EUA) por meio deste circuito de lixiviação POX integrado, enquanto concentrados de terceiros também poderiam ser potencialmente introduzidos no processo POX com esses concentrados. O cobalto produzido retornará para os EUA.

A refinaria de São Miguel Paulista tem capacidade para produzir 25 mil toneladas/ano de níquel e 2 mil toneladas de cobalto.

A Jervois é listada na ASX (bolsa australiana) e, além de operações de produção de cobalto em Idaho e da refinaria de São Miguel Paulista, possui ativos na Austrália (Nico Young, para produção de níquel e cobalto) e África (Kilembe e Bujagali, ambas em Uganda, onde realiza trabalhos de exploração de cobalto e cobre).

Fonte: Brasil Mineral
Data: 21/01/2021



TIASA VAI INVESTIR R\$ 250 MILHÕES EM FÁBRICA DE DIÓXIDO DE TITÂNIO NA BA

O grupo Titânio América (Tiasa) vai investir R\$ 250 milhões na implantação de uma fábrica de dióxido de titânio no Polo Industrial de Camaçari, na região metropolitana de Salvador (BA). O investimento foi anunciado na terça-feira

(19) durante a assinatura de protocolo de intenções com o governo do Estado, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SDE).

De acordo com a empresa, a estimativa é começar a operar a planta no fim de 2022. Nesta primeira fase, a unidade terá uma capacidade produtiva combinada de pigmento de titânio e de óxido de ferro de 38 mil toneladas/ano, com expectativa de atingir 170 mil toneladas/ano quando todas as etapas do projeto estiverem implementadas.

O presidente do Conselho de Administração da Tiasa, Eduardo Tavares de Melo, destaca que já foram investidos R\$ 100 milhões no desenvolvimento tecnológico e na planta piloto do projeto.

"Esse projeto de dióxido de titânio é inovador, foi desenvolvido nos últimos 10 anos e tem uma importância para o país, que é importador do produto. Dois terços do consumo brasileiro são abastecidos pela China e Estados Unidos e o Brasil poderá se tornar menos dependente do produto importado, favorecendo inclusive a balança comercial, além de gerar emprego e atender a indústria local. A tecnologia, desenvolvida por técnicos nacionais, é ambientalmente limpa e sustentável", declarou.

O dióxido de titânio é um pó branco, inorgânico e de uso seguro, utilizado para dar cor, brilho e opacidade a uma enorme gama de produtos do nosso dia a dia, como tintas, plásticos, papel, borracha, cerâmica, entre outros. Ele também é usado na produção de vidros, plásticos e protetor solar. O dióxido de titânio tem ainda um segundo subproduto que é hematita sintética, que tem como finalidade a indústria siderúrgica.

A previsão é de que a unidade química de dióxido de titânio gere 1,1 mil empregos, com 200 empregos diretos, 300 indiretos e outros 600 postos de trabalho nas obras civis.

"É com muita alegria que a gente recebe o anúncio deste investimento, em especial por estar assinado um protocolo para o município de Camaçari, onde teremos o fechamento da Ford. Além do mais, a Bahia é o único local do país onde já fabricávamos o pigmento de dióxido de titânio pela Tronox e agora teremos uma segunda unidade fabril produzindo uma matéria-prima tão importante para a indústria", afirma o vice-governador e secretário da SDE, João Leão.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 20/01/2021



COBRE

VALE DO CURAÇÁ REQUER INVESTIMENTOS DE R\$ 2,8 BI

A Ero Copper tornou público o Informe Técnico (Technical Report) com atualização das reservas e recursos em seus ativos minerais no Vale do Curaçá, estado da Bahia, de acordo com a norma canadense 43.101.

Segundo o informe, elaborado pela GE-21 e pela BNA, as reservas subterrâneas (provadas e prováveis), perfazem um total de 27,2 milhões t, com teor médio de 1,45% Cu, tornando possível a produção de 394 mil t de cobre contido. Estas reservas estão distribuídas nos distritos de Pilar, Vermelhos e Surubim.

Quanto às reservas a céu aberto (também provadas e prováveis), nos três distritos mencionados mais Suçuarana, o total é de 23,2 milhões t com teor médio de 0,61% Cu, o que daria 142 mil toneladas de cobre.

Já os recursos (medidos e indicados) que podem ser lavrados por método subterrâneo totalizam pouco mais de 68 milhões de toneladas de minério com teor médio de 1,39% Cu, o que possibilitaria a produção de 947,9 mil toneladas de cobre contido. Os recursos inferidos somam 36,2 milhões t, com teor de 1,05% Cu, equivalendo a 379,8 mil t de cobre. Isso inclui os recursos subterrâneos do distrito de Pilar (abaixo do nível 965 da mina Pilar mais os da mina Suçuarana), os recursos do distrito de Vermelhos e aqueles do distrito de Surubim.

Já os recursos medidos e indicados que podem ser lavrados a céu aberto somam 36,4 milhões t com teor de 0,60% Cu, podendo proporcionar uma produção de 207 mil t de cobre contido, além de 2,9 milhões t de reservas inferidas a 0,37% Cu ou 10,8 mil t de cobre contido.

O estudo faz ainda uma estimativa dos investimentos necessários para o aproveitamento das reservas (sem incluir os recursos medidos e indicados), prevendo que o capex (investimento de capital) demandado é da ordem de R\$ 2,8 bilhões, mais um custo operacional de R\$ 7,5 bilhões. Durante a vida útil do projeto seriam processadas 39,4 milhões t com teor médio de 1,33% Cu, gerando 480,8 mil toneladas de cobre contido no concentrado. A comercialização do cobre e dos subprodutos do concentrado (ouro e prata), considerando-se o cobre a US\$ 3,00 por libra, o ouro a US\$ 1,759 a onça e a prata a US\$ 18,00 por onça, permitiria uma receita de R\$ 15,8 bilhões, o que indica uma boa taxa de retorno para o investimento e a viabilidade do empreendimento.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 20/01/2021

ABERTA TOMADA DE SUBSÍDIOS PARA O “SISTEMA BRASILEIRO DE RECURSOS E RESERVAS MINERAIS”

Nova resolução pretende equiparar dados enviados à ANM às práticas internacionais

A ANM abriu mais uma Tomada de Subsídios: a sociedade e o setor mineral podem contribuir para o chamado “Sistema Brasileiro de Recursos e Reservas Minerais”, conjunto de dados de lavra e pesquisa mineral, que são fornecidos pelos mineradores à ANM. A proposta para a nova resolução pretende elevar o nível da qualidade dos dados recebidos pela agência, de acordo com o que é praticado internacionalmente.

O Sistema Brasileiro de Recursos e Reservas Minerais envolve os dados de pesquisa e lavra – desde levantamentos geofísicos, passando por mapeamento geológico até a delimitação de depósitos minerais. Eles são enviados à ANM constantemente por meio de relatórios em seus sistemas, como o Relatório Anual de Lavra e o Protocolo Digital.

Atualmente, os dados enviados à ANM não estão alinhados às melhores práticas internacionais. Em 2015, o Brasil passou a integrar o CRIRSCO (Comitê Internacional de Normas de Declaração de Recursos Minerais, na sigla em inglês), uma das principais organizações internacionais que define as melhores práticas voltadas à classificação e declaração de ativos minerais.

Entre 2018 e 2020, uma série de processos de participação social foi realizada, recebendo diversas contribuições para a nova norma. O objetivo é melhorar a confiabilidade das informações que são enviadas atualmente e as que são praticadas pelo mercado. Agora, com a proposta de resolução, a ANM pretende aumentar a transparência e a confiança por meio das Declarações Públicas dos Resultados de Exploração, Recursos e Reservas Minerais.

A Tomada de Subsídios 01/2021 fica aberta até 17 de fevereiro e pode ser acessada [aqui](#).

Fonte: ANM

Data: 19/01/2021



CENTROROCHAS INTEGRA DELEGAÇÃO BRASILEIRA EM COMITÊ TÉCNICO PARA NORMALIZAÇÃO DE ROCHAS NO MERCADO INTERNACIONAL

Acumulando um faturamento de cerca de US\$ 1 bilhão nas exportações no ano passado, o setor de rochas brasileiro busca padronização de requisitos e métodos de ensaios para seus produtos.

Num mundo globalizado, como o atual, a uniformização de padrões empresariais é fator de extrema importância. O setor de rochas ornamentais brasileiro que há décadas ultrapassa as fronteiras do país enviando seus produtos para os cinco continentes, virou foco de comitê técnico desenvolvido pela Organização Internacional de Padronização (ISO): o CT Natural Stones (Rochas Naturais). Presente em 164 países, a ISO é representada em cada um deles por um Organismo Nacional de Normalização, no caso do Brasil, é a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

Associado à ABNT e representante nacional das empresas exportadoras de rochas ornamentais, o Centro Brasileiro dos Exportadores de Rochas Ornamentais (Centrorochas) integra a Delegação Brasileira no Comitê Técnico para Normalização de Rochas Naturais, por meio da CEE-187 (Comissão Especial de Rochas Ornamentais da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT) e atua como membro participante, onde atua como contribuidor junto aos grupos de trabalho dessa comissão e tem direito a voto nas decisões a serem tomadas. A CEE-187/ABNT tem como objetivo especificar terminologia, requisitos, métodos de ensaios e generalidades sobre rochas ornamentais.

Primeira reunião reuniu membros de vários países

Na última quinta-feira, 14 de janeiro, aconteceu a primeira reunião do grupo Natural Stones (CT 327 – Rochas Naturais) formado por 13 membros, de 10 países diferentes, e 9 membros observadores. A superintendente do Centrorochas, Alessandra Bertolani, representou a entidade no encontro virtual que contou também com a participação de outros membros da delegação brasileira. Entre eles, a chefe da delegação nacional, Nuria Fernández Castro, Abiliane Andrade Pazeto e Mônica Castoldi Borlini (CETEM); Carlos Rubens de Alencar (Head Participações e presidente do Simagran-CE); Eduardo Lima (ABNT); Maria Heloisa Frasca (MHB Serviços Geológicos) e Eduardo Brandau Quitete (IPT).

O grupo Natural Stones tem como escopo as definições, requisitos e métodos de ensaio para pedras naturais relacionadas com blocos brutos, lajes, produtos semi-acabados e acabados destinados à utilização na construção e em monumentos.

Secretaria: American National Standards Institute (ANSI)

Gerente do Comitê: Sr. Jason Knopes
Presidente (até o final de 2025): Sr. Chuck Muehlbauer
Gerente de programa técnico ISO (TPM): Dra. Anna Caterina Rossi
Gerente de programa editorial ISO (EPM): Mme Mercè Ferrés Hernández
Data de criação: 2020

Materiais compostos

A ISO criou também o Comitê Técnico Engineered Stones (CT 328 – Rochas Artificiais), no qual o Centrorochas também ocupa um assento. Com atuação focada em acompanhar as discussões para resguardar e proteger o uso das rochas naturais, a entidade atua como observador dos trabalhos da comissão. A reunião deste comitê, que é formado por participantes de 7 países, aconteceu em dezembro e contou com a presença do vice-presidente do Centrorochas, Fabio Cruz.

O grupo tem como escopo as definições, requisitos e métodos de teste para pedras de engenharia com aglutinantes de resina ou cimento ou uma combinação dos dois, destinados ao uso em bancadas e vaidades, revestimentos de piso e parede, usos auxiliares, para interior e exterior.

Centrorochas

Fundado em 2004, em Vitória, capital do Espírito Santo, maior estado produtor e exportador de rochas ornamentais do Brasil, o Centrorochas atua diretamente nos trâmites relacionados à presença do empresário brasileiro no exterior, bem como com a visibilidade internacional dos produtos nacionais no mercado internacional, combinada com atividades comerciais e operacionais relativas ao desenvolvimento do setor de rochas no mercado brasileiro.

Segundo Alessandra Bertolani, a atuação direta da entidade na Comissão Especial de Rochas Ornamentais da ABNT contribui para a competitividade das empresas no mercado mundial. “A associação tem atuação direta junto aos exportadores de rochas brasileiros e acompanha de perto a relação deles com quase todas as culturas, vivendo cotidianamente em diferentes cenários socioeconômicos. A padronização é um elemento essencial, pois criar oportunidades iguais a pessoas diferentes, de culturas, crenças, hábitos e línguas diferentes”, destacou.

Fonte: Portal da Mineração

Data: 19/01/2021



ANM DEVE LANÇAR EDITAL EXCLUSIVO PARA PERMISSÕES DE GARIMPO

A Agência Nacional de Mineração (ANM) estuda realizar um edital exclusivamente voltado à Permissão de Lavra Garimpeira (PLG) dentro do universo de áreas em disponibilidade hoje em sua carteira. A demanda por essas permissões tem crescido e a avaliação é que organizar sua distribuição em uma concorrência pode dar mais transparência ao processo, incentivar a regularidade do garimpo e evitar conflitos nas áreas em que já há concessão de lavra.

Falta combinar. O formato desses editais ainda não foi fechado, mas tudo será feito com o Programa de Parceria de Investimentos (PPI) do governo federal, que incluiu os projetos minerários na carteira de projetos estratégicos para o País e tem conduzido com a ANM a retomada das ofertas públicas de áreas no setor. A ideia é lançar o piloto ainda neste semestre.

Como funciona. Pela lei brasileira o garimpo é uma permissão para exploração artesanal, sem maquinário e por, no máximo, cinco anos. A lista de “garimpáveis” inclui minerais como diamante, cassiterita, quartzo, mica e, claro, o ouro, em alta no mercado.

Fonte: Estadão

Data: 17/01/2021



ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE MINERAÇÃO REUNIRÁ ESPECIALISTAS PARA DISCUTIR O SETOR MINERAL

O evento virtual tem acesso gratuito e será realizado na Colômbia, dos dias 2 a 5 de março de 2021

Representantes governamentais, sociedade civil, academia, organismos de cooperação e o setor privado de várias nações estarão reunidos para dialogar sobre como o setor de mineração tem se transformado para enfrentar as novas condições globais, entre os quais, desafios econômicos, ambientais e sociais. Esse é o objetivo do Encuentro Latinoamericano de Minería/Encuentro Latino-Americano de Mineração – ELAMI, criado pelo Banco Internacional de Desenvolvimento (BID). Ele ocorrerá no formato virtual, diretamente da Colômbia, dos dias 2 a 5 de março de 2021.

O evento tem o apoio do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM). “O ELAMI é uma oportunidade para reunir os principais representantes da mineração na América Latina para dialogar sobre o cenário mundial do setor mineral, assim como reforçar o esforço do IBRAM em promover o crescimento da mineração brasileira baseada na sustentabilidade, inovação tecnológica e responsabilidade social e ambiental”, afirma o diretor-presidente do IBRAM, Flávio Ottoni Penido.

Mais informações e inscrições gratuitas no site www.encuentrodemineria.com

Fonte: Portal da Mineração

Data: 25/01/2021

insight 

insight 

MM Mulheres Múltiplas

03/02/2021
🕒 17H

WEBINÁRIO

GESTÃO E SEGURANÇA
DE BARRAGENS:
PERSPECTIVAS REGULATÓRIAS

INSCRIÇÃO GRATUITA